ISSN: 2358-8829

I FEIRA CULTURAL: RAÍZES, AFRICANIDADES E BRASILIDADES: CATIARA MEU PATRIMÔNIO CULTURAL

Manuely Santos dos Anjos [1]
Luma Silva Matos [2]
Naíra Rocha Marambaia [3]
Adriele de Souza Lima Galvão [4]

RESUMO

O presente artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido na I Feira Cultural: *Raízes Africanidades e Brasilidades: Catiara, Meu Patrimônio Cultural*, com o objetivo de valorizar as contribuições das matrizes africanas na formação da identidade cultural brasileira e o reconhecimento do patrimônio cultural local. A proposta fundamenta-se na efetivação da Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva, utilizando como metodologia o relato de experiência, com observação participante e registros fotográficos como instrumentos de coleta de dados. A ação foi desenvolvida na Escola Municipal Dom Florêncio Sisínio Vieira, envolvendo estudantes, professores e comunidade, por meio de apresentações culturais, exposições temáticas e estudos sobre a ancestralidade africana e suas influências nas práticas culturais no bairro da Catiara. O referencial teórico dialoga com as contribuições de Stuart Hall (1997; 2003), Kabengele Munanga (2003; 2005), Nilma Lino Gomes (2003; 2012), ao discutir educação, diversidade e práticas pedagógicas antirracistas. Tais aportes teóricos sustentam a compreensão da cultura como elemento central na constituição das identidades e no enfrentamento das desigualdades raciais no contexto educacional. Os resultados evidenciam que a feira cultural promoveu maior reconhecimento da herança africana na constituição da cultura brasileira, fortalecendo o sentimento de pertencimento, autoestima e respeito à diversidade. Observou-se ampliação do conhecimento histórico-cultural por parte dos estudantes, além do engajamento da comunidade escolar na valorização do patrimônio imaterial local. Conclui-se que a I Feira Cultural constituiu-se como prática pedagógica significativa, contribuindo para a formação crítica dos estudantes e para a consolidação de uma educação comprometida com a diversidade, a memória e a valorização das africanidades e brasilidades presentes no contexto de Catiara. Destaca-se que o projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia através do Edital 019/2024.

Palavras-chave: Africanidades; Brasilidades; Patrimônio Cultural; Identidade racial.

INTRODUÇÃO

A educação constitui um espaço fundamental de formação humana, construção de identidades e reconhecimento das múltiplas experiências históricas, sociais e culturais que compõem a sociedade brasileira. Entretanto, esse processo é atravessado por desigualdades

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Bahia-UNEB, Pós- Graduação Lato Sensu em Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira na Educação – IFBAIANO- BA, Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade- UESB, **manuely.lamdyn@ufrb.edu.br**

[2] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Mestra em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, luma.matos1@enova.educacao.ba.gov.br

[3] Graduada em Pedagogia-UFBA, Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional-Faculdade São Bento-BA nairamarambaia@edu.amargosa.ba.gov.br

[4] Graduada em Pedagogia-FAZAG, Pós em Alfabetização e letramento-BA, coautor3@email.com;

ISSN: 2358-8829

raciais e por práticas de invisibilização dos conhecimentos, das memórias e das contribuições dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas. No contexto escolar, tais desigualdades evidenciam a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas comprometidas com o enfrentamento do racismo, a valorização da diversidade étnico-racial e o reconhecimento dos diferentes sujeitos como produtores de conhecimentos e culturas. Nesse sentido, a educação antirracista apresenta-se como um caminho para a construção de processos educativos críticos, democráticos e socialmente referenciados.

No Brasil, a promulgação da Lei nº 10.639/2003 representou um marco importante na luta por uma educação comprometida com a valorização da história e da cultura afro-brasileira, ao estabelecer a obrigatoriedade de seu ensino nos estabelecimentos de educação básica. Posteriormente, a Lei nº 11.645/2008 ampliou essa determinação ao incluir a história e a cultura dos povos indígenas. Esses dispositivos legais reafirmam a responsabilidade das instituições educativas na superação de abordagens eurocêntricas e na construção de currículos que reconheçam a pluralidade das matrizes culturais constitutivas da sociedade brasileira. Contudo, a efetivação dessas políticas exige mais do que a inserção pontual de conteúdos no calendário escolar: demanda práticas pedagógicas contínuas, contextualizadas e articuladas às experiências dos estudantes e às realidades socioculturais das comunidades em que estão inseridos.

Nessa perspectiva, as contribuições de Kabengele Munanga (2003), Nilma Lino Gomes (2003; 2012) e Stuart Hall (1997; 2003) possibilitam compreender a identidade cultural e racial como dimensões constituídas em processos históricos, sociais e relacionais, atravessados por disputas de representação, reconhecimento e pertencimento. A valorização das africanidades e brasilidades, portanto, implica reconhecer as contribuições dos povos africanos e de seus descendentes para a formação da sociedade brasileira, considerando suas expressões culturais, conhecimentos, práticas sociais, formas de organização e estratégias de resistência.

É nesse horizonte que se insere a I Feira Cultural: *Raízes, Africanidades e Brasilidades: Catiara, Meu Patrimônio Cultural*, desenvolvida na Escola Municipal Dom Florêncio Sisínio Vieira, localizada no município de Amargosa, Bahia. A iniciativa tomou o bairro da Catiara como referência para a investigação, o reconhecimento e a valorização do patrimônio cultural local, compreendendo o território não apenas como espaço geográfico, mas também como lugar de produção de memórias, identidades, relações sociais e conhecimentos. Ao assumir a comunidade como ponto de partida para as investigações escolares, a proposta buscou aproximar os conteúdos curriculares das experiências cotidianas dos estudantes, reconhecendo

ISSN: 2358-8829

as histórias, as práticas culturais e os saberes comunitários como dimensões relevantes da formação educativa.

A realização da feira foi organizada a partir de um processo de pesquisa e formação dos estudantes, seguido pela socialização dos conhecimentos produzidos por meio de exposições temáticas, oficinas, apresentações artísticas, rodas de conversa, recursos didáticos e atividades interativas abertas à comunidade escolar e externa. As investigações contemplaram diferentes expressões do patrimônio cultural da Catiara e de Amargosa, incluindo a oralidade negra, a contação de histórias e a boneca Abayomi, as práticas alimentares da comunidade, o território e os comércios locais, o trabalho das trancistas, a casa de farinha, os mascarados do carnaval, o Xirê de Rua, o samba de roda e os saberes relacionados às ervas medicinais afro-brasileiras. Essas experiências possibilitaram estabelecer relações entre memória, ancestralidade, identidade, cultura e produção de conhecimentos, articulando diferentes áreas do currículo e fortalecendo o protagonismo dos estudantes.

A proposta também se fundamentou na interdisciplinaridade e na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, promovendo a construção de recursos pedagógicos e científicos relacionados à realidade sociocultural da comunidade. A produção de maquetes, jogos educativos, literatura de cordel, protótipos de tecnologias africanas e experimentos com materiais recicláveis constituiu parte das estratégias utilizadas para aproximar os conhecimentos escolares dos saberes locais. Além disso, o envolvimento de professores, estudantes, famílias e demais integrantes da comunidade ampliou as possibilidades de diálogo entre escola e território, contribuindo para o reconhecimento das práticas culturais comunitárias como fontes de aprendizagem e referências para a construção do sentimento de pertencimento.

Desse modo, este artigo tem como objetivo relatar e analisar a experiência desenvolvida na I Feira Cultural: *Raízes, Africanidades e Brasilidades: Catiara, Meu Patrimônio Cultural*, destacando suas contribuições para a valorização das matrizes africanas na formação da identidade cultural brasileira, o reconhecimento do patrimônio cultural local e o fortalecimento de práticas pedagógicas antirracistas na educação básica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvida na perspectiva do relato de experiência, com utilização da observação participante e de registros fotográficos, conforme a proposta metodológica apresentada neste estudo.

A relevância da experiência está na possibilidade de reconhecer a escola como espaço de valorização das memórias coletivas e das identidades, articulando os conhecimentos curriculares às experiências culturais dos sujeitos. Ao evidenciar a potência educativa do território da Catiara, a feira fortalece o compromisso com a diversidade, a justiça racial e a

ISSN: 2358-8829

preservação do patrimônio cultural. A iniciativa contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), por meio do Edital nº 019/2024.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvida na modalidade de relato de experiência, tendo como objeto a realização da I Feira Cultural: Raízes, Africanidades e Brasilidades: Catiara, Meu Patrimônio Cultural, na Escola Municipal Dom Florêncio Sisínio Vieira, em Amargosa, Bahia. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a compreensão dos significados culturais, educativos e sociais construídos durante o desenvolvimento do projeto. Nesse sentido, Rhoden e Zancan (2020), ao discutirem essa abordagem no campo educacional, destacam que ela se volta à compreensão da realidade social e das relações que constituem os fenômenos investigados. O relato de experiência, por sua vez, permite analisar criticamente práticas educativas vivenciadas, articulando a descrição das ações à reflexão teórica. Conforme Mussi, Flores e Almeida (2021), os relatos de experiência possibilitam a "apresentação crítica de práticas e/ou intervenções científicas e/ou profissionais".

O projeto foi desenvolvido no âmbito do Programa de Apoio a Eventos de Popularização da Ciência (POPCIÊNCIAS), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), por meio do Edital nº 019/2024. De acordo com os relatórios técnicos, o público alcançado foi de 500 estudantes, 25 professores e 40 funcionários, abrangendo turmas da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. O percurso metodológico da ação educativa foi organizado em duas etapas articuladas: a primeira compreendeu a pesquisa, a formação dos estudantes, o levantamento de informações e a elaboração de materiais pedagógicos; a segunda correspondeu à realização da Feira Cultural, com exposições temáticas, oficinas, apresentações artísticas, rodas de conversa e debates interativos. As atividades integraram as áreas de Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática, tomando o bairro da Catiara como território de memória, identidade e patrimônio cultural.

Para a produção e a sistematização dos dados deste relato, foram utilizados como instrumentos a observação participante, os registros fotográficos das atividades e a análise documental dos relatórios técnicos do projeto. A observação participante possibilitou acompanhar as práticas pedagógicas, as interações entre os sujeitos e o envolvimento da comunidade escolar; os registros fotográficos contribuíram para documentar as ações realizadas; e os relatórios permitiram recuperar informações sobre o planejamento, a execução,

ISSN: 2358-8829

o público alcançado e os materiais produzidos. Entre esses materiais, destacam-se jogos educativos, protótipos de tecnologias africanas, maquetes das ruas e do bairro da Catiara, produções literárias baseadas em histórias orais e experimentos com materiais recicláveis. Também foram abordadas temáticas como oralidade negra, bonecas Abayomi, alimentação e saberes comunitários, atuação das trancistas, casa de farinha, carnaval de máscaras, Xirê de Rua, samba de roda e plantas medicinais afro-brasileiras.

A análise dos materiais foi realizada de forma descritivo-interpretativa, considerando três dimensões: a primeira foi o desenvolvimento das práticas pedagógicas e interdisciplinares; a segunda foi a valorização das memórias, dos saberes comunitários e do patrimônio cultural da Catiara; e a terceira foi as contribuições da experiência para o pertencimento, a identidade racial e a educação antirracista. Essa organização dialoga com a proposta de Mussi, Flores e Almeida (2021), que defendem que o relato de experiência ultrapasse a simples descrição dos acontecimentos e desenvolva uma reflexão crítica fundamentada teoricamente. Os resultados apresentados, portanto, são interpretados com base nos registros disponíveis e nas informações sistematizadas nos relatórios, sem atribuir à experiência dados que não foram efetivamente coletados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação antirracista constitui um compromisso político, pedagógico e social com o enfrentamento das desigualdades raciais e o reconhecimento das contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros para a formação da sociedade brasileira. Nessa perspectiva, a escola deve promover práticas educativas que questionem estereótipos, combatam o racismo e valorizem a diversidade cultural presente nas experiências dos estudantes. A Lei nº 10.639/2003 representa um marco nesse processo, ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica. Sua efetivação, entretanto, exige ações pedagógicas contínuas, capazes de superar a abordagem pontual da história africana e reconhecer as contribuições dos povos negros nos campos social, político, econômico, científico e cultural. Nesse contexto, a I Feira Cultural: Raízes, Africanidades e Brasilidades: Catiara, Meu Patrimônio Cultural, desenvolvida na Escola Municipal Dom Florêncio Sisínio Vieira, em Amargosa-BA, constituiu uma experiência educativa voltada à valorização da ancestralidade africana, das manifestações culturais afro-brasileiras e dos saberes presentes no território da comunidade. De acordo com Nilma Lino Gomes (2012, p. 102):

> "Construir um currículo descolonizado exige problematizar as dinâmicas de poder e o eurocentrismo arraigados nas práticas pedagógicas cotidianas. É indispensável superar visões estereotipadas e integrar os saberes, histórias e identidades afro-brasileiras e indígenas no centro do processo educativo, transformando efetivamente a escola."

As reflexões de Gomes (2012) sobre relações étnico-raciais e descolonização dos currículos ajudam a questionar práticas escolares que privilegiam determinadas referências culturais e marginalizam outras. A educação antirracista precisa integrar o planejamento e o cotidiano escolar, e não se restringir a datas comemorativas. A Feira Cultural aproximou essa perspectiva das experiências da Catiara, convertidas em objeto de pesquisa e em atividades interdisciplinares que valorizaram conhecimentos historicamente invisibilizados.

Munanga (2003) contribui para compreender que a identidade negra é atravessada por processos históricos e sociais e que sua valorização exige enfrentar representações negativas. Nessa perspectiva, a Feira Raízes constituiu um espaço formativo para estudantes, professores e comunidade, reconhecendo diferentes identidades culturais.

Nessa direção, Stuart Hall (2003) compreende as identidades culturais como construções históricas, constituídas nas relações sociais, nas experiências e nas representações que os sujeitos produzem sobre si mesmos e sobre o mundo. A identidade, portanto, não é fixa ou homogênea, mas se transforma ao longo das experiências individuais e coletivas. Ao investigar as manifestações culturais da Catiara, os estudantes puderam estabelecer relações entre suas vivências, a história da comunidade e as contribuições africanas e afro-brasileiras presentes no cotidiano. Essa aproximação favorece o reconhecimento de referências culturais que participam da construção do pertencimento e da valorização de si e do outro.

A valorização do patrimônio cultural local constitui outro eixo fundamental da experiência, uma vez que permite compreender a comunidade como espaço de memória, identidade e produção de conhecimentos. O bairro da Catiara foi tomado como território educativo, possibilitando que os estudantes investigassem práticas culturais, histórias, atividades econômicas e manifestações transmitidas entre gerações. Essa abordagem reconhece que os conhecimentos não são produzidos exclusivamente nos espaços formais de ensino, pois também emergem das experiências familiares, das tradições comunitárias, do trabalho e das relações sociais. Nesse sentido, Paulo Freire (1996) defende uma prática educativa que respeite os conhecimentos construídos pelos educandos em suas vivências. Ao afirmar que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 1996, p. 15), o autor oferece uma contribuição importante para pensar propostas pedagógicas que estabeleçam relações entre os conteúdos escolares e a realidade social dos estudantes.

ISSN: 2358-8829

Essa perspectiva esteve presente nas pesquisas das turmas: o primeiro ano investigou o território e os comércios da Catiara; o segundo, as trancistas e a casa de farinha; o terceiro, as tradições de rua e os mascarados do carnaval de Amargosa; o quarto, o Xirê de Rua e o protagonismo das mulheres negras; e o quinto, o samba de roda e as ervas medicinais afro-brasileiras. As atividades ampliaram a compreensão do patrimônio cultural, incluindo práticas, celebrações e saberes transmitidos entre gerações, e reconheceram os sujeitos comunitários como participantes da preservação da memória local.

A oralidade e a ancestralidade foram dimensões importantes da feira. Histórias, cantos e experiências transmitidas entre gerações preservam memórias e conhecimentos. A pesquisa sobre oralidade negra e a boneca Abayomi permitiu abordar referências afro-brasileiras; já as práticas alimentares foram discutidas como expressões de histórias familiares, ingredientes, saberes e pertencimento. As investigações sobre trancistas e casa de farinha também evidenciaram conhecimentos tradicionais ligados à estética, ao trabalho e à convivência.

As discussões de Gomes (2003) sobre educação, identidade negra, corpo e cabelo contribuem para refletir sobre a importância das práticas estéticas na construção das identidades e no enfrentamento do racismo. O cabelo e as tranças afro podem assumir significados que ultrapassam a dimensão estética, expressando pertencimento, memória e afirmação cultural. Ao abordar o trabalho das trancistas no espaço escolar, a Feira Cultural criou oportunidades para reconhecer a valorização da estética negra e problematizar padrões que historicamente desqualificaram características físicas da população negra. De modo semelhante, as pesquisas sobre o Xirê de Rua, o samba de roda, as ervas medicinais afro-brasileiras e o carnaval de mascarados permitiram reconhecer a diversidade de manifestações presentes na comunidade, promovendo reflexões sobre ancestralidade, memória e continuidade cultural.

O protagonismo estudantil também foi central. Freire (1996) destaca o diálogo e a problematização da realidade, enquanto hooks (2013) compreende a educação como prática da liberdade e valoriza a participação crítica dos estudantes. Na feira, os estudantes investigaram temas, produziram materiais e apresentaram suas pesquisas à comunidade, atuando na construção e socialização dos conhecimentos.

Segundo o relatório técnico, a experiência integrou Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática por meio de jogos, protótipos de tecnologias africanas, maquetes da Catiara, produções literárias baseadas em histórias orais e experimentos com materiais recicláveis. Exposições, oficinas, apresentações artísticas e rodas de conversa promoveram o diálogo entre estudantes, professores, famílias e visitantes de outras escolas.

ISSN: 2358-8829

Assim, a I Feira Cultural articulou educação antirracista, identidade, ancestralidade, patrimônio e interdisciplinaridade. Ao tomar a Catiara como território educativo, aproximou currículo e realidade social, valorizando memórias e manifestações culturais locais.

RESULTADOS

A I Feira Cultural, realizada na Escola Municipal Dom Florêncio Sisínio Vieira, em Amargosa-BA, promoveu experiências educativas de valorização das matrizes africanas, do patrimônio cultural local e da educação antirracista.

Um dos resultados identificados na experiência foi a diversificação das estratégias pedagógicas utilizadas para abordar as africanidades, e brasilidades e o patrimônio cultural da comunidade da Catiara. A proposta envolveu pesquisas temáticas, exposições, oficinas, apresentações artísticas, rodas de conversa, debates interativos e produção de recursos didáticos, articulando as áreas de Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática. Entre os materiais elaborados, destacaram-se jogos educativos, maquetes do bairro, produções literárias baseadas em histórias orais, protótipos de tecnologias africanas e experimentos com materiais recicláveis.

FOTO 1- OFICINA DO PROFESSOR ITAMAR SOBRE ROUPAS DE XIRÊ DE RUA



Fonte: Acesso das autoras (2025)

As atividades relacionaram aspectos históricos, culturais, científicos, ambientais e sociais. A produção de materiais e a apresentação das pesquisas valorizaram as capacidades investigativas e expressivas dos estudantes, reconhecidos como participantes ativos da construção do conhecimento.

A segunda dimensão dos resultados refere-se ao reconhecimento do bairro da Catiara como território educativo e espaço de produção de memórias, identidades e conhecimentos. As

pesquisas realizadas pelas turmas contemplaram diferentes expressões culturais e práticas sociais presentes na comunidade, entre elas o território e os comércios locais, o trabalho das trancistas, a casa de farinha, os mascarados do carnaval de Amargosa, o Xirê de Rua, o samba de roda, as ervas medicinais afro-brasileiras, a oralidade negra, a contação de histórias, a boneca Abayomi e as práticas alimentares comunitárias.

FOTO 2- SAMBA DE RODA DA CATIARA



Fonte: Acesso das autoras (2025)

As temáticas investigadas ampliaram a compreensão de patrimônio cultural para além dos bens materiais, incluindo conhecimentos, celebrações, práticas artísticas e formas de transmissão de saberes. A escola reconheceu os sujeitos da comunidade como participantes da preservação de suas referências culturais.

O território passou, assim, de espaço geográfico a referência para a produção do conhecimento, aproximando os conteúdos curriculares das experiências comunitárias e valorizando manifestações locais que merecem ser conhecidas e preservadas.

FOTO 3: ESTANDE DA SALA DO 1º C COM A PROFESSORA ALINE



Fonte: Acesso das autoras (2025)

ISSN: 2358-8829

A terceira dimensão dos resultados relaciona-se à valorização das matrizes africanas e afro-brasileiras, ao reconhecimento da identidade racial e à construção de práticas educativas comprometidas com o enfrentamento do racismo. Ao abordar a oralidade negra, a boneca Abayomi, o trabalho das trancistas, o protagonismo das mulheres negras, o samba de roda e outras manifestações culturais, a feira ampliou a presença de referências afro-brasileiras no espaço escolar e possibilitou problematizar formas de invisibilização histórica desses conhecimentos.

Essa abordagem dialoga com Gomes (2012), para quem a descolonização curricular exige superar práticas que privilegiam determinadas referências culturais. A diversidade étnico-racial precisa integrar o currículo, o planejamento e as relações cotidianas, e não permanecer restrita a ações pontuais. A feira inseriu conhecimentos afro-brasileiros no processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo sua importância histórica e cultural e questionando hierarquias que desvalorizam saberes associados a grupos historicamente marginalizados. A pesquisa sobre o trabalho das trancistas permitiu discutir estética negra, identidade e valorização cultural. As reflexões de Gomes (2003) sobre corpo e cabelo ajudam a compreender como práticas estéticas expressam pertencimento e memória, além de possibilitarem a problematização de padrões que desqualificam características da população negra.

Os resultados sistematizados no relato apontam para o fortalecimento do reconhecimento da herança africana na cultura brasileira, do respeito à diversidade e do sentimento de pertencimento dos estudantes. Também indicam contribuições para a valorização da autoestima e para a ampliação dos conhecimentos histórico-culturais relacionados às africanidades e brasilidades. Tais resultados devem ser compreendidos a partir das observações e dos registros disponíveis, uma vez que a metodologia não incluiu instrumentos específicos de mensuração da autoestima, da identidade racial ou de mudanças nas atitudes dos participantes.

A realização da feira também evidencia a relevância da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica. A experiência demonstra uma possibilidade de concretização dessa determinação legal por meio de atividades interdisciplinares contextualizadas e vinculadas à realidade sociocultural da comunidade. Sua contribuição, contudo, não se limita à realização de um evento, pois aponta para a necessidade de incorporar as aprendizagens e as reflexões produzidas ao planejamento curricular e às práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do ano letivo.

A socialização das pesquisas ampliou o diálogo entre escola e comunidade. Exposições, oficinas, apresentações artísticas e rodas de conversa envolveram estudantes, professores, funcionários, famílias e visitantes de outras escolas, conforme os documentos do projeto. Essa

ISSN: 2358-8829

articulação reconheceu a comunidade como participante do processo educativo e espaço de circulação de conhecimentos. Ao pesquisar e apresentar práticas culturais locais, os estudantes relacionaram a aprendizagem escolar aos sujeitos e às manifestações que compõem a vida comunitária.

Os resultados da I Feira Cultural indicam que a articulação entre pesquisa, interdisciplinaridade, protagonismo estudantil, memória coletiva e valorização das africanidades constituiu uma experiência pedagógica significativa para o reconhecimento do patrimônio cultural da Catiara e para o fortalecimento de práticas educativas antirracistas. O diálogo com Freire (1996), Hall (2003), Munanga (2003) e Gomes (2003; 2012) permite compreender que a valorização dos saberes comunitários e das identidades culturais não representa apenas uma ampliação dos conteúdos curriculares, mas uma possibilidade de questionar hierarquias de conhecimento, reconhecer sujeitos historicamente invisibilizados e contribuir para uma educação comprometida com a diversidade, o pertencimento e a justiça racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da I Feira Cultural: Raízes, Africanidades e Brasilidades: Catiara, Meu Patrimônio Cultural, na Escola Municipal Dom Florêncio Sisínio Vieira, em Amargosa-BA, constituiu uma experiência pedagógica voltada à valorização das matrizes africanas na formação da sociedade brasileira, ao reconhecimento do patrimônio cultural local e ao fortalecimento de práticas educativas comprometidas com a diversidade étnico-racial. Ao tomar o bairro da Catiara como referência para a produção do conhecimento, a iniciativa aproximou o currículo escolar das experiências socioculturais dos estudantes, reconhecendo o território como espaço de memória, ancestralidade, identidade e aprendizagem.

As investigações sobre oralidade negra, Abayomi, alimentação, trancistas, casa de farinha, Xirê de Rua, samba de roda, mascarados e ervas medicinais abordaram expressões culturais da comunidade. A produção de materiais, as exposições, oficinas e apresentações ampliaram a participação estudantil e a socialização dos conhecimentos.

A experiência evidenciou possibilidades de efetivar a Lei nº 10.639/2003 por meio de práticas interdisciplinares que incorporam a história e a cultura afro-brasileira ao ensino. Essa efetivação exige ações intencionais e contínuas, capazes de questionar estereótipos, reconhecer a diversidade e promover relações pautadas no respeito e na equidade.

A articulação entre escola e comunidade, concretizada no compartilhamento das produções dos estudantes, reconheceu os sujeitos comunitários como produtores e transmissores de conhecimentos, fortalecendo as relações entre educação, memória coletiva e patrimônio cultural.

Conclui-se que a I Feira Cultural constituiu uma experiência significativa de valorização da cultura afro-brasileira e do patrimônio cultural da Catiara. Sua contribuição ultrapassa a realização do evento e aponta para a incorporação das aprendizagens ao planejamento pedagógico, à formação docente e a projetos interdisciplinares permanentes, com participação da comunidade.

REFERÊNCIAS

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Cultura afro-brasileira**: temas e pensamentos. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, etnia e eugenia**. Programa de Educação sobre o Uso Indevido de Drogas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro e educação: ressignificando as relações étnico-raciais e a descolonização dos currículos**. **Indagações sobre currículo**: diversidade e currículo, Brasília, p. 79-104, 2012.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa***. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras***, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 98–109, jan./abr. 2012.

HALL, Stuart. ***Da diáspora: identidades e mediações culturais***. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNANGA, Kabengele. ***Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra***. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS DOS ANJOS, Manuely. ***I Feira Cultural: Raízes – Africanidades e Brasilidades: Catiara, meu patrimônio cultural.*** Relatório técnico final do projeto POPCIÊNCIAS. Amargosa, BA, [s. d.]. Documento não publicado.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. Práxis Educacional, Vitória da Conquista**, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. DOI: https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: Texto completo do artigo. Acesso em: 20 out. 2026.